

# A RAZÃO INSTRUMENTAL: O PENSAR NA MODERNIDADE TÉCNICA

*Marinês Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a racionalidade instrumental que caracteriza a técnica moderna. Entendendo a técnica como o ambiente em que vivemos e que molda nossas formas de percepção e modos de ação, apresentamos algumas idéias dos filósofos Humberto Galimberti e Martin Heidegger, pensadores importantes no que diz respeito à construção de um pensamento crítico sobre esta temática.

**Palavras-chave:** Pensamento científico; Razão instrumental; Modernidade técnica.

## ABSTRACT

This article presents a discussion about the instrumental rationality that characterizes modern technique. Grounded on an understanding of technique as the milieu where we live, which cast our perception forms and our ways of acting, we present here some of the ideas of Humberto Galimberti and Martin Heidegger, important critical thinkers on this theme.

**Keywords:** Scientific thought; Instrumental reason; Technical Modernity.

## 1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a técnica caracteriza-se como o ambiente em que vivemos, configurando-se não só como uma somatória de instrumentos mas, principalmente, como uma mentalidade. Este texto tem como proposta uma discussão acerca do significado que a categoria “razão” adquire na modernidade técnica, uma vez que, enquanto subordinada a esta mentalidade, passa a ser entendida a partir de um ponto de vista instrumental. Para tanto, vamos nos apoiar, principalmente, no pensamento de Humberto Galimberti (2006) e de Martin Heidegger (1964; 2001), cujas críticas a respeito do mundo técnico se apresentam como contribuições fundamentais para uma reflexão sobre este tema.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Mestre em Tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. [marines@utfpr.edu.br](mailto:marines@utfpr.edu.br)

## 2 A TÉCNICA E A RAZÃO INSTRUMENTAL

Galimberti (2006, p. 9) entende como técnica “tanto o *universo dos meios* (as tecnologias), que em seu conjunto compõem o aparato técnico, quanto a *racionalidade* que preside o seu emprego, em termos de funcionalidade e eficiência”. Com origem na carência instintiva da espécie humana, a racionalidade técnica surge como uma forma de superar a insuficiência biológica e garantir a sobrevivência. Fazem parte desta racionalidade a antecipação, a idealização e a projeção, que adquirem sua expressão no agir técnico.

Entendida como uma forma de pensar e agir, que se manifesta para assegurar a própria vida, Galimberti afirma ser possível pensar a técnica como a essência do ser humano. E comenta que acreditar que a essência do homem vai além do condicionamento técnico é uma postura ingênua, somente possível para aqueles que insistem em ver o ser humano descolado das suas condições reais e concretas de existência.

Para este autor a técnica não é neutra, não é apenas um meio que pode ser utilizado tanto para o bem quanto para o mal, a partir de escolhas feitas pelos seres humanos. Nem é algo que podemos optar por usar ou não usar, uma vez que ela configura o próprio ambiente em que vivemos. Assim, vivendo em um ambiente técnico, adquirimos hábitos e comportamentos que condicionam nossa maneira de compreender o mundo:

De fato, não somos seres imaculados e estranhos que às vezes se servem da técnica e às vezes dela prescindem. Pelo fato de habitarmos um mundo em que todas as suas partes estão tecnicamente organizadas, a técnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é o nosso ambiente, onde fins e meios, escopos e idealizações, condutas, ações e paixões, inclusive sonhos e desejos, estão tecnicamente articulados e precisam da técnica para se expressar (GALIMBERTI, 2006, p. 8).

O entendimento tradicional do ser humano como sujeito e da técnica como um meio à sua disposição precisa ser questionado e revisto. A técnica, como o ambiente em que vivemos, transforma-se de meio em fim. Como as possibilidades da técnica ampliaram-se vertiginosamente, o cenário transformou-se qualitativamente, “porque não é mais o fim que condiciona a representação, a pesquisa, a aquisição dos meios técnicos, mas será a ampliada disponibilidade dos meios técnicos que desvela o leque dos fins que por meio deles, podem ser alcançados” (GALIMBERTI, 2006, p. 12). A técnica se transforma em fim porque passa a ser o elemento mediador para o alcance de todos os objetivos propostos pelas pessoas na contemporaneidade. Quando os meios técnicos passam a ser a condição necessária para se obter qualquer fim, a obtenção dos meios torna-se o próprio fim, em si mesmo.

A partir desses argumentos, Galimberti (2006, p. 12-13) entende a técnica como o “horizonte último a partir do qual se desvelam todos os campos da experiência”. Ele defende a tese de que é a própria técnica que está definindo a maneira como experimentamos o mundo, destituindo o ser humano do papel de sujeito da história. Deste modo, o ser humano torna-se funcionário da técnica.

A alteração de papéis, para a qual o autor nos chama a atenção, exige a revisão de uma série de categorias que usamos para nos orientar no mundo, tais como identidade, liberdade, ética, política, natureza e razão. Os significados que esta última categoria elencada adquire na modernidade técnica serão tomados como tema de discussão neste trabalho. Segundo Galimberti (2006, p. 13):

A razão não é mais a ordem imutável do cosmo que se refletia na mitologia, depois na filosofia e por fim na ciência, criando as respectivas “cosmo-logias”, mas se torna *procedimento instrumental* que garante o cálculo mais econômico entre os meios à disposição e os objetivos que se pretendem alcançar.

Temos, então, a razão como instrumento de cálculo entre objetivos desejados e meios disponíveis para alcançá-los. Galimberti explica que, embora seja de costume localizar a gênese da razão instrumental no período iluminista, a natureza instrumental desde sempre caracterizou a razão. Porém, na época do Iluminismo essa natureza é ressaltada na medida em que, com a dessacralização do mundo, os modos de ação e as ordens sociais deixam de ter sua base na ordem da natureza ou na vontade de Deus e passam a fundar-se nos princípios da eficiência e da funcionalidade.

Com o pensamento científico, a função instrumental da razão aparece como uma faculdade que o ser humano dispõe para o domínio da natureza. Nesse contexto, a razão instrumental pode ser entendida como: “uma técnica para o cálculo das disponibilidades, dos meios, das possibilidades e das probabilidades, tendo em vista a consecução de determinado objetivo que não é racional em si, mas se torna, se o cálculo o estabelecer” (GALIMBERTI, 2006, p. 415).

Para Brüseke, a técnica moderna é indissociável da ciência moderna. Ambas caracterizam-se como diferentes faces da mesma moeda, o que permite a este autor afirmar que a própria ciência é técnica, pois na modernidade sempre pensamos tecnicamente. Nas palavras do autor: “a ciência moderna é somente a outra metade da técnica moderna, na medida em que ela reproduz na sua estrutura interna o que é próprio da técnica” (BRÜSEKE, 2005, p. 6).

O que caracteriza o ato de pensar tecnicamente é a eliminação do inexacto, do ilógico, do antinômico e do paradoxal. Brüseke lembra que Heidegger desconfia deste tipo de racionalidade, a ponto de questionar a sua autenticidade. Heidegger chega a afirmar que a ciência não pensa. Para ele, a ciência não pensa e nem pode pensar, em função da preservação de sua própria trajetória pré-estabelecida. Não obstante, a ciência tem uma relação particular com o pensar:

Das ciências para o pensamento não há nenhuma ponte, mas somente salto. Este não nos leva somente para o outro lado, mas para uma região inteiramente outra. O que se abre com esse âmbito é algo que jamais se deixa demonstrar, caso demonstrar signifique: desde pressuposições adequadas, derivar pressuposições sobre um estado de coisas através de uma cadeia de conclusões. Quem quer ainda demonstrar e ter provado algo que somente se revela à medida que aparece a partir de si mesmo e nisso que, ao mesmo tempo, se recolhe – este, de modo algum, julga segundo um critério mais elevado e mais rigoroso do saber. Ele simplesmente *calcula* de acordo com uma medida, na verdade inadequada. O que somente se anuncia aparecendo no seu próprio recolher-se – a isso correspondemos, à medida que para isso acenamos e, assim, nós mesmos nos orientamos nisso que se mostra em deixando-o aparecer no seu próprio descobrimento (HEIDEGGER, 2001, p. 115).

Em sua interpretação da obra de Heidegger, Brüseke (2001) utiliza a palavra “desocultamento” no lugar da palavra “desencobrimento”, empregada na citação acima. A técnica moderna, que se pauta no conhecimento científico, é interpretada por Heidegger como uma forma de desocultamento:

Definir a técnica como uma maneira de desocultamento significa entender a essência da técnica como a verdade do relacionamento do homem com o mundo. A técnica não é mais algo exterior e exclusivamente instrumental, mas a maneira como o homem apropria-se e aproxima-se da natureza” (BRÜSEKE, 2001, p. 62).

O desocultamento pode ser entendido como uma forma de conhecimento, mas, vale lembrar, que é um conhecer limitado, que sempre deixa algo oculto, velado. O conhecimento científico pauta-se no demonstrar e no calcular, de onde conclui seus pressupostos. Para Heidegger, esse modo de pensar não tem como fundamento critérios mais elevados do saber. É um tipo de conhecimento que desconsidera aquilo que se retrai no processo de desocultamento.

Heidegger comenta que, no ocidente, o pensar se conformou como “lógica”. Os conhecimentos da lógica vêm sendo utilizados cientificamente, posto que seus resultados e procedimentos podem ser aplicados na construção do mundo técnico. O autor explica que Parmênides, um dos primeiros pensadores preocupados em determinar a essência do pensamento ocidental, até hoje vigente, nunca considerou o que se poderia chamar de “o mero” ou “o puro pensar”.

A essência da qual fala Parmênides é determinada *por* e a *partir* da percepção do real em seu próprio ser: “enquanto perceber, o pensamento percebe o presente em sua presença. Nela o pensamento toma a medida para o seu modo próprio de ser enquanto perceber” (HEIDEGGER, 2001, p. 122). Ou seja, o pensamento define-se como a percepção da presença do que está presente, é a apresentação do vigente que se torna representação.

A característica do pensamento até hoje vigente é o perceber, e a faculdade de perceber denomina-se razão. Mas o que percebe a razão? Perceber significa captar algo presente, destacando-o e tomando-o como vigente: “Esse perceber que destaca é um re-presentar, no sentido simples, amplo e, ao mesmo tempo, essencial de deixar algo vigente estar e pôr-se diante de nós tal como está e se põe” (HEIDEGGER, 2001, p. 121).

A representação se realiza no âmbito do juízo e através da lógica, que é a doutrina do juízo. O caráter fundamental do pensamento seria o representar, espaço onde se desdobra o perceber. Heidegger questiona a validade destas afirmações, acusando a filosofia de agir como se a partir daí não houvesse nada a perguntar. O pensamento ocidental recebe a partir do ser, do real, a sua essência. E o ser do real aparece como presença, como vigência. A verdade se define pela exatidão da representação. O pensamento lógico é empregado para julgar se o representar é exato ou inexato. E aí está a fragilidade do representar: se ele precisa ser exato é porque cabe a possibilidade de ser inexato.

Heidegger afirma que o pensar ocidental é pautado sobre a divisão entre o ser por essência e o ser por existência. Essa distinção é fundada no sentido usual

do pensar, ou seja, na lógica. E a lógica está preocupada em representar algo sobre algo, em fixar algo sobre algo. E qual é o desígnio que tem dirigido o pensar enquanto *logos* enunciante? Para desenvolver esta idéia, Heidegger (1964, p. 164) cita Parmênides: “se requiere decir y pensar que el ente es”. E questiona novamente: que outra coisa poderia ser pensada sobre o ente a não ser que ele é? Para o autor, este enunciado não diz nada, ou o que ele diz, já se sabe:

“El ente es”, esto suena como: el relámpago relampaguea. Pues, naturalmente relampaguea el relámpago. Qué otra cosa podrá hacer? Y algo tan carente de contenido se pretende que haya dicho un pensador de la categoría de Parménides? Más aún: se pretende que lo haya dicho como lo que es necesario decir y pensar?

Após explorar outras possibilidades de leitura desta frase, Heidegger comenta que o modo usual de sua interpretação limita o olhar para a investigação de porque o ente é. Portanto, pergunta-se “o que é que causa o ente?”, pois o ente é o que se apresenta como real e, como tal, “causado” e “causante”. Deste modo, ser significa realidade, algo presente, que está de fato em nossa presença. Heidegger lembra que na “Crítica da Razão Pura”, Kant define o ente como o objeto da experiência. Assim o ser do ente é apresentado como a objetividade das experiências objetivas, como a objetividade do objeto. Esta asserção, por sua vez, fundamenta o pensar e o agir da técnica moderna.

Si el ser del ente no opera ya de antemano en el sentido del asistir de lo presente, entonces el ente no hubiera podido aparecer como lo objetivo de los objetos, para ser en calidad de tal objetivamente representable y presentable a los efectos de aquel disponer y aponer de la naturaleza que ejecuta de continuo un inventario de las fuerzas que se le pueden arrancar. Este revisar de la naturaleza en orden a sus existencias de fuerzas disponibles proviene de la esencia oculta de la técnica moderna (HEIDEGGER, 1964, p. 225).

Galimberti nos explica que para Heidegger a produção científica se caracteriza pela objetivação das coisas, que as tornam objetos para um determinado sujeito, enquanto que a produção técnica se caracteriza pela disponibilidade das coisas, que por sua vez, é possibilitada pela operação de objetivação: “isto é, as coisas são chamadas (*pro-vocação científica*), dentro do horizonte da objetividade antecipada pela ciência, a fim de que estejam disponíveis a qualquer demanda de uso (*pro-vocação técnica*) por parte do homem” (GALIMBERTI, 2006, p. 421).

Deste modo, a razão científica moderna torna-se operacional, na medida em que reduz a natureza a resultados obtidos através de procedimentos e cálculos matemáticos. Este caráter operacional, medido em termos de eficácia e dirigido pelo questionamento sobre como as coisas funcionam, isenta os procedimentos técnicos e científicos de julgamentos éticos, estéticos ou políticos. Em outras palavras, os limites da ciência são circunscritos pelo que é possível de ser feito, através das tecnologias disponíveis. Galimberti (2006, p. 425), observa que:

A transformação da realidade natural em realidade científica (Kant) é, de fato, a transformação da realidade natural em realidade tecnológica, sendo a ciência nada mais que uma técnica para se apoderar da natureza. Mas, tirada essa finalidade, o universo tecnológico é indiferente a qualquer outro fim, porque o valor de um instrumento é medido exclusivamente pela sua eficiência e não pelo fato de ser usado, por exemplo, para paz ou para a guerra.

A constatação de que a racionalidade técnica pauta-se no imperativo “deve-se fazer tudo o que se pode fazer” traz à tona a pergunta pela ética: Qual é o significado que a ética adquire na modernidade técnica? Galimberti (2006) comenta que a ética torna-se impotente com a subordinação do agir em relação ao fazer. A ética, entendida como forma de agir em vista de fins é superada pelo fazer, entendido como produção de resultados. Ou seja, não é a ética que vem primeiro, definindo os fins e encarregando a técnica a fornecer os meios para alcançá-los. É a técnica, ao eleger os meios como fins em si mesmos, que submete o pensamento ético a tomar posição frente ao mundo construído através dos resultados de seus procedimentos.

A partir deste quadro, Galimberti (2006, p. 17) questiona: “o que será do homem num universo de meios que não tem em vista outra coisa senão o aperfeiçoamento e a potencialização da própria instrumentação?” Entre as idéias apresentadas pelo autor na busca de respostas para esta pergunta está a tese do ser humano como parte integrante do aparato técnico, cuja identidade se define pela correspondência quanto à sua funcionalidade frente a este mesmo aparato:

O mundo dos aparatos, de fato, cancelou a tal ponto a diferença entre formas técnicas e formas sociais que tornou de fato infundada essa distinção. Realmente, para funcionar, o aparato de uma empresa, bem como o aparato de uma burocracia, deve poder coordenar os homens não só *com* os aparelhos presentes na estrutura, mas *como* esses aparelhos, porque um aparato que se dirige às matérias primas, às máquinas e aos homens como a “componentes *em si*” e não como “componentes *de si*”, não só não funcionaria, mas não seria sequer um aparato (GALIMBERTI, 2006, p. 689).

Esta forma de razão instrumental que define o sentido de tudo, até mesmo dos seres humanos, a partir da sua funcionalidade pode levar ao paradoxo de fazer emergir a irracionalidade como um de seus produtos. O fenômeno do Nazismo é emblemático como exemplo dessa “*irracionalidade que nasce da perfeita racionalidade de uma organização*”, para a qual “exterminar” tinha o mero significado de “executar um trabalho” (GALIMBERTI, 2006, p. 24). Esse evento, que nos mostra não só o potencial de destruição da racionalidade técnica como também a sua capacidade de executá-lo marca, segundo Galimberti, o momento do nascimento da idade da técnica.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A razão científica produz a técnica, uma vez que sua natureza é de ordem produtiva e não apenas contemplativa. A técnica é a forma com que a ciência se desdobra de pensamento teórico em atuação prática. É neste sentido que Heidegger conclui que a ciência não pensa e sim calcula, uma vez que é um tipo de racionalidade fundada na eficiência e na funcionalidade. Ele compreende a técnica como “desocultamento”, ou seja, como uma forma de conhecimento que define a relação dos seres humanos com o ambiente em que vivem a partir da objetivação das coisas, tendo em vista a sua manipulação produtiva.

Galimberti nos chama atenção para as consequências do caráter objetivo e instrumental do pensar na modernidade técnica, entre elas, a anomia causada pela superação do “agir” pelo “fazer”, que chega a por em risco a própria existência dos homens e do mundo. Nossa essência é técnica e nossa racionalidade tornou-se instrumental, na medida que possibilita a projeção de possibilidades de interferência no meio natural. Parece irônico que a técnica, manifestação essencial para existência humana enquanto uma estratégia de sobrevivência, possa se tornar, na contemporaneidade, uma ameaça para a manutenção de todas as formas de vida, inclusive a do próprio homem.

## REFERÊNCIAS

BRÜSEKE, Franz Josef. **O dispositivo Técnico**. Texto não publicado. Florianópolis, 2005.

BRÜSEKE, Franz Josef. **A Técnica e os Riscos da Modernidade**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: O homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Qué significa pensar?** Buenos Aires: Editorial Nova, 1964.

HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar? In: **Ensaio e Conferências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 111- 124.